

DÍVIDA EXTERNA

Banqueiro pediu apoio à decisão do País de pagar juros

PAULO SOTERO
Correspondente

WASHINGTON — Se dependesse do Bank of America, a decisão do governo de voltar a pagar uma parte dos juros da dívida externa este ano, anunciada pouco antes do Natal, teria tido uma acolhida bem mais calorosa dos credores. Segundo fontes oficiais e do mercado financeiro, Peter McPherson, o vice-presidente do banco encarregado da questão da dívida, defendeu uma reação pública positiva à iniciativa brasileira. Ele disse a outros banqueiros

que a retomada dos pagamentos marcava uma mudança importante de atitude das autoridades e deveria ser recebida da forma como fora anunciada, ou seja, como um gesto de boa fé. Uma resposta nesse tom, argumentou o executivo do segundo maior banco dos EUA, desanuviaria o clima pesado das negociações e estimularia a administração Collor a fazer novas concessões.

McPherson ficou, no entanto, isolado. A gelada nota divulgada no dia 18 de dezembro por William R. Rhodes, o executivo do Citi-

corp que supervisiona o comitê dos bancos credores, depois de reunir-se com o negociador da dívida, Jório Dauster, enfatizava "o desapontamento" dos bancos com a "falta de disposição" do governo de tratar dos problemas dos juros atrasados.

Ex-vice secretário do Tesouro e diretor da Agência para o Desenvolvimento Internacional (USAID) no governo Reagan, McPherson é provavelmente o banqueiro que mais tem frequentado os gabinetes da equipe econômica em Brasília em busca de fór-

mulas para converter carteira de empréstimo do Bank of America no Brasil (mais de US\$ 4,1 bilhões) em outros ativos e explorar terreno para negócios lucrativos com a dívida. O Bank of America tem hoje uma situação relativamente mais confortável em comparação com outros grandes credores americanos. Depois de quase quebrar no início da década de 80, o Bank of America fez severo regime, recuperou-se e está hoje em melhor posição do que a maioria dos seus concorrentes.

O problema dos juros atrasados

continuará a amarrar as negociações quando Dauster retornar a Nova York, provavelmente esta semana, para reiniciar os contatos com o comitê, disseram fontes oficiais e bancárias.

Dois sentimentos prevalecem tanto na área oficial como entre funcionários de organismos multilaterais e executivos de bancos. Um é o de perplexidade diante do que eles consideram as várias oportunidades que o governo deixou passar para colocar as negociações no rumo do entendimento no segundo semestre do ano passado. Outro é o pessimismo

sobre o futuro imediato das conversas.

Em parte, esse pessimismo é tático. Mas ele reflete também a percepção de que, com a recessão instalada, aumentará o isolamento interno da equipe econômica nas próximas semanas e meses e diminuirá, proporcionalmente, seu apetite e espaço político para negociar, dos quais a maioria dos 22 bancos do comitê já desconfia. A resolução que o Senado aprovou, dificultando o pagamento dos juros atrasados, também pesa nesse cálculo.